

ENTREVISTA COM BARBIE ZELIZER

(professora da Universidade da Pensilvânia)

Por Felipe Pena

O encontro com Barbie Zelizer é frio, muito frio. No sentido mais literal do termo. Estamos em Estocolmo, na Suécia, e os termômetros marcam onze graus negativos. Somos os palestrantes do dia na JMK, a escola de mídia e jornalismo da *Stockholm University*. Zelizer faz sua conferência pela manhã, eu falo à tarde. Os temas são análogos, ambos estudamos imagens, embora a preocupação atual dela seja com a fotografia e a minha com a televisão. Os estudantes de pós-graduação mostram-se muito receptivos e interessados, estendendo as perguntas para além do horário das palestras, o que é muito raro em um país que preza pela pontualidade e tem verdadeira obsessão pelo tempo. Alguns deles têm a primeira oportunidade de “conversar com a própria bibliografia”, já que os livros de Zelizer ocupam lugar de destaque nos programas de comunicação, tanto no doutorado como na graduação.

Professora da *Annenberg School of Communication*, na Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, Barbie Zelizer foi repórter durante 20 anos antes de se dedicar à vida acadêmica. Fez o mestrado na Universidade de Jerusalém, em 1981, e o doutorado na própria universidade onde leciona, em 1990. Ela ocupa a cátedra Raymond Williams de Comunicação e já participou dos conselhos da Fundação Guggenheim e do Centro de Imprensa e Políticas Públicas Joan Shorenstein, na Universidade de Harvard. Autora de oito livros e mais de 40 artigos publicados nas principais revistas científicas dos Estados Unidos e da Europa, entre suas obras estão *Remembering to forget: holocaust memory through the camera's eyes* (University of Chicago Press, 1998), *Covering the body: the Kennedy assassination, the media and the shapping of collective memory* (University of Chicago Press, 1992) e o recente *Taking journalism seriously: news and the academy* (Sage, 2004). Zelizer também é fundadora e editora de uma das mais importantes revistas acadêmicas na área de comunicação, “*Journalism: theory, practice and criticism*”, publicada pela editora Sage. Sua pesquisa atual está concentrada sobre fotografias de pessoas prestes a morrer, publicadas em jornais e revistas de grande circulação. O título é sugestivo: *About to die: journalism, memory and the voice of visual*.

Início a entrevista ainda durante o almoço¹, em uma conversa informal no restaurante da universidade, logo após a palestra de Zelizer. Não faço anotações, nem me preocupo com qualquer tipo de rigor acadêmico. Os apontamentos feitos durante os debates pela manhã também constituem um ótimo material, mas só quando volto ao Brasil é que organizo os temas e envio uma série de perguntas por e-mail. Entretanto, a conversa virtual não tem a mesma profundidade. As respostas são lacônicas. Os assuntos são pouco explorados. A professora não parece uma entusiasta da tecnologia. Só para ter uma idéia sobre sua concisão, ela

assina os e-mails com um simples *b*. Assim mesmo: minúsculo e abreviado. A entrevista não rende mais do que duas ou três páginas. Entretanto, as curtas respostas são suficientes para traçar um perfil do que ela pensa sobre a profissão e sobre a pesquisa universitária.

Em seu recente livro, *Taking journalism seriously*, Zelizer faz uma reflexão sobre os estudos acadêmicos na área de jornalismo e procura realizar um mapeamento das diversas escolas de pensamento sobre o tema. Ela se preocupa fundamentalmente em analisar e entender as diferenças e semelhanças entre os jornalistas preocupados com a prática e os pesquisadores preocupados com a crítica, além de propor uma divisão em cinco categorias: sociologia e jornalismo, história e jornalismo, linguagem e jornalismo, ciência política e jornalismo, análise cultural e jornalismo. Entretanto, pelas respostas abaixo parece claro que a intenção de Zelizer não é compartimentar os estudos de jornalismo, isolando-o em blocos monoteístas, mas apenas definir critérios de alocação metodológica para a sistematização dos modelos teóricos.

Barbie Zelizer acredita na viabilidade de edificação do jornalismo como um campo de conhecimento específico nos estudos acadêmicos, apesar de tecer críticas à visão limitada de alguns pesquisadores, que desconhecem (ou não têm vontade de conhecer) a atividade diária dos profissionais da imprensa. Para Zelizer, as mais coerentes e proveitosas (ela utiliza a palavra *useful*) pesquisas universitárias no campo jornalístico são aquelas baseadas (ela utiliza a palavra *grounded*, cujo sentido literal é espremida) na realidade, ou seja, ela propõe a diminuição do número de ensaios acadêmicos sobre jornalismo e sua substituição por modelos diversificados de análise que sejam, entretanto, balizados por pesquisas de campo.

Ainda em Estocolmo, durante a palestra que proferi na parte da tarde, Zelizer demonstrou grande interesse pelo Brasil, perguntando-me diversas vezes sobre a mídia nacional e as pesquisas brasileiras na área de jornalismo. Defendi a necessidade de questionar a imediata aplicabilidade do modelo anglo-saxão de análise em culturas distintas. A professora não teceu comentários sobre minha argumentação², apenas ressaltou sua preocupação com a falta de diálogo entre os pesquisadores de diferentes países. Por sugestão dos professores Afonso de Albuquerque e Marialva Barbosa, pude, então, em nome do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, convidá-la para ser nossa professora visitante no ano letivo de 2006.

O convite foi aceito e, no ano que vem, Barbie Zelizer estará no Brasil para uma série de conferências aqui na UFF. Como prévia do que será apresentado, deixo a pequena entrevista a seguir. Optei por utilizar apenas as respostas enviadas por e-mail, mesmo sabendo que algumas delas são “telegráficas” demais. O aprofundamento das questões levantadas poderá ser feito durante sua visita ao Brasil. Mas se o leitor não puder acompanhar as palestras de Zelizer na UFF, não se preocupe. Providenciaremos a publicação dos textos referentes aos seus seminários em uma outra edição da *Contracampo*.

Contracampo

No capítulo final de seu livro, *Taking journalism seriously*, a senhora afirma que os acadêmicos (pesquisadores e professores universitários) falharam na tentativa de esclarecer o que de fato é o jornalismo. Poderia esclarecer melhor?

Barbie Zelizer

Sim. Isso aconteceu porque os acadêmicos se preocuparam em ver o jornalismo apenas por suas próprias lentes de pesquisadores universitários, condicionadas por modelos específicos de análise. E o jornalismo é um fenômeno tão amplo e diversificado que não pode ser limitado a um único ponto de vista. Eu defendo a necessidade de colocar juntas as diversas lentes de interpretação como caminho para tentar compreender o que o jornalismo realmente é.

Contracampo

Ao mesmo tempo em que critica os pesquisadores de jornalismo, a senhora faz uma importante revisão dos estudos acadêmicos na área. Quais são as limitações da pesquisa universitária e quais são seus pontos fortes?

Barbie Zelizer

Os pontos fortes da pesquisa acadêmica são a energia da contestação, a criatividade da proposição, a imaginação da indagação e a capacidade de sistematizar as reflexões sobre o jornalismo. Mas isso também pode ser a sua limitação. Ou seja, é preciso estudar jornalismo de forma ampla e profunda, com métodos e parâmetros, como requer a investigação científica. Mas também é necessário levar em conta que há pessoas reais chamadas jornalistas e práticas profissionais denominadas jornalismo. As mais proveitosas³ pesquisas acadêmicas são aquelas baseadas⁴ na realidade e vice-versa.

137

Contracampo

Posso concluir então que, apesar das críticas, a senhora acredita na viabilidade de edificação da teoria do jornalismo como área específica do conhecimento acadêmico?

Barbie Zelizer

Sem dúvida.

Contracampo

Como os jornalistas nos Estados Unidos encaram a pesquisa acadêmica sobre jornalismo?

Barbie Zelizer

Eles tendem a ser completamente indiferentes ao que se discute na universidade e é escrito pelos pesquisadores.

Contracampo

Por que a dicotomia teoria e prática ainda prevalece nas discussões sobre o ensino de jornalismo?

Barbie Zelizer

Porque nós ainda não descobrimos uma maneira eficiente⁵ de articular teoria e prática em um mesmo lugar⁶ científico, de onde partiriam as reflexões sobre o jornalismo.

Contracampo

Você costuma dizer que se sentiu em um universo paralelo quando abandonou a redação e entrou no mundo acadêmico. Estes dois mundos são realmente distantes? O que é preciso fazer para aproximá-los?

Barbie Zelizer

Sim, os dois mundos são distantes. E eu acredito que a aproximação é extremamente necessária. Mas eu também acho que é preciso haver, primeiramente, um maior respeito mútuo entre os jornalistas que trabalham em redações e os pesquisadores, para que se reconheça a validade de ambos os lados e a influência que um pode ter sobre o outro na tentativa de se descobrir o que o jornalismo é e o que ele poderia ser, ou seja, suas potencialidades e alternativas. Este é o caminho para a aproximação.

Contracampo

Que motivos a fizeram abandonar a redação e ingressar na pesquisa acadêmica?

Barbie Zelizer

138

Eu senti uma necessidade de investigar mais profundamente o fenômeno jornalístico e isso é mais viável na academia do que na atividade diária de repórter.

Contracampo

A senhora organizou um livro sobre os atentados de 11 de setembro (*Journalism After September Eleven. 2002*). O que mudou no jornalismo americano após essa data?

Barbie Zelizer

O que eu e meus colegas (todos professores universitários) esperávamos quando escrevemos o livro era o crescimento da sensibilidade e a diminuição do etnocentrismo com relação aos eventos globais. Mas, infelizmente, nós percebemos que, ao longo do tempo, isso não aconteceu. As coberturas jornalísticas nos Estados Unidos continuaram etnocêntricas e insensíveis.

Contracampo

Quando nos encontramos em Estocolmo, a senhora apresentou o seminário *About to die: journalism, memory and voice of the visual*. Em que estágio está sua pesquisa?

Barbie Zelizer

Eu estou investigando as maneiras pelas quais as imagens de pessoas encarando a morte iminente são usadas pelo jornalismo como forma de descrever acontecimentos que não são facilmente aceitos como noticiáveis, ou seja, sobre os quais não há consenso sobre a forma de narração jornalística. Estou em fase de conclusão e devo publicar um livro sobre o tema em breve.

Contracampo

A senhora acredita que os modelos de análise da pesquisa acadêmica dos Estados Unidos e da Europa podem ser diretamente aplicados em países de outros continentes, como o Brasil, por exemplo?

Barbie Zelizer

Realmente não sei. Em meus livros eu deixo claro que meus modelos de análise baseiam-se em bibliografia americana e britânica. Mas acredito que terei uma visão mais clara sobre esse assunto quando estiver no Brasil durante os seminários na Universidade Federal Fluminense.

Livros de Barbie Zelizer

About to Die”: Journalism, Memory and the Voice of the Visual.
University of Chicago Press. In preparation.

Taking Journalism Seriously: News and the Academy. Sage Publications. 2004.

(Co-Ed.) *Reporting War: Journalism in Wartime* (with Stuart Allan).
Routledge. 2004.

(Co-Ed.) *Journalism After September 11* (with Stuart Allan). Routledge. 2002.

(Ed.) *Visual Culture and the Holocaust.* Rutgers University Press. 2001.

Remembering to Forget: Holocaust Memory Through the Camera's Eye.
University of Chicago Press. 1998.

Covering the Body: The Kennedy Assassination, the Media, and the Shaping of Collective Memory. University of Chicago Press. 1992.

Almost Midnight: Reforming the Late-Night News (with Itzhak Roeh, Elihu Katz, and Akiba A. Cohen). Sage Publications. 1980.

Bolsas e prêmios concedidos a Barbie Zelizer

Fellow, Joan Shorenstein Center on the Press, Politics, and Public Policy, John F. Kennedy School of Government, Harvard University, 2004.

Best Book Award, International Communication Association, 2000 (for *Remembering to Forget*).

Diamond Book Award, National Communication Association, 1999 (for *Remembering to Forget*).

Bruno Brand Tolerance Book Award, Simon Wiesenthal Center and Museum of Tolerance, 1999 (for *Remembering to Forget*).

Goldsmith Research Award, Joan Shorenstein Center on the Press, Politics and Public Policy, John F. Kennedy School of Government, Harvard University, 1995.

Fellow, John H. Simon Guggenheim Memorial Foundation, 1995.

Research Fellow, Freedom Forum Center for Media Studies, Columbia University, 1994-95.

140

Nichols-Ehninger Award for Communication and Rhetorical Theory, Speech Communication Association, 1990 (for excerpt from *Covering the Body*).

Top Paper Award, Popular Communication Division, International Communication Association, 1988.

Notas

¹ Preferi não utilizar nem as recordações desta conversa nem as anotações de sua palestra no presente texto.

² Vide a última pergunta da entrevista.

³ Zelizer usa a palavra *useful*. Não quis traduzir para utilitário porque o sentido fica deturpado em português. Outro termo adequado para a tradução talvez fosse “aplicado”, mas optei por proveitoso, que me pareceu mais eficiente (aliás, *eficiente* também é outra palavra que poderia ser utilizada).

⁴ Zelizer usa a palavra *grounded*, cujo significado literal está mais próximo de espremido. Novamente, o termo fica deslocado em português.

⁵ Agora preferi o termo eficiente para traduzir a palavra *useful*.

⁶ A palavra usada por Zelizer é *venue*, cuja tradução literal é jurisdição.